

**TEXTO MUDIÁTICO E PROFESSORES DA ESCOLA BÁSICA**  
**ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal – UNESP**  
**GT-16: Educação e Comunicação**  
**Agência Financiadora: CNPq**

**Resumo**

O texto apresenta um conjunto de dados empíricos relativos à experiência de professores com textos midiáticos, para esboçar algo da memória e dos usos de textos e de suportes jornalísticos na história de vida e nas práticas de sala de aula. São utilizadas entrevistas individuais e coletivas realizadas com professores, bem como respostas escritas oferecidas por eles a questões específicas sobre o tema, além da referência de pesquisas maiores sobre o perfil de docentes na região Oeste de São Paulo e no Brasil. O objetivo é subsidiar o debate sobre a ‘formação para a mídia’ a partir da história das práticas pessoais e pedagógicas dos professores relacionadas ao tema.

**Palavras-chave:** mídia – professores – memória - circulação da informação – experiência pedagógica

**Introdução**

Este texto observa a experiência de professores com textos midiáticos, com maior atenção aos textos de imprensa, para esboçar algo da memória e dos usos de textos e de suportes jornalísticos na história de vida e nas práticas de sala de aula. Para isso, utilizamos entrevistas individuais e coletivas realizadas com professores, bem como de respostas oferecidas por eles a questões específicas sobre o tema, além da referência de pesquisas maiores sobre o perfil de docentes na região Oeste de São Paulo e no Brasil.

As entrevistas coletivas foram realizadas em cerca de 20 oficinas de trabalho sobre os textos informativos de imprensa<sup>1</sup>. Nesses encontros, após o questionamento, por escrito, acerca de hábitos de leitura informativa pelos professores, os resultados obtidos foram debatidos de imediato com os participantes. As entrevistas individuais, por seu turno, aconteceram durante as oficinas e também em duas escolas públicas estaduais do município de Assis, em atividade de pesquisa aplicada ali realizada<sup>2</sup>. Outro instrumento, que serve de roteiro para as considerações feitas a seguir, foram questionários respondidos por escrito, por cerca de 150 professores atuantes na Escola Básica<sup>3</sup>. Finalmente, como referência de fundo, foram observados dois bancos de dados abrangentes, o primeiro, de âmbito regional, é o relatório de pesquisa sobre leitura, realizada em cerca de 110 escolas públicas municipais e estaduais do Oeste de São Paulo, de onde destacamos aspectos relativos aos hábitos culturais e de trabalho dos professores<sup>4</sup>. O segundo são os dados e análises realizados por estudo patrocinado pela UNESCO (ANDRADE et al., 2004), que procura traçar as características dos professores brasileiros.

---

<sup>1</sup> Trata-se de módulo sobre a leitura do texto informativo de imprensa, com duração média de oito horas, realizado dentro do programa Teia do Saber, desenvolvido nos anos de 2005 e 2006, sob patrocínio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Os grupos de trabalho, contando em média com 20 docentes em cada um, foram compostos por professores de todas as disciplinas curriculares, embora o número maior tenha sido de professores de Língua Portuguesa. Cerca de 400 professores, lotados em escolas públicas estaduais de Assis, Marília e Tupã, participaram das atividades.

<sup>2</sup> Os dados foram anotados a partir de contatos regulares com professores de duas escolas, com professores de diversas disciplinas, em situação escolar, principalmente nos horários de trabalho pedagógico (HTPC). Além de considerações feitas em grupo, foram realizadas entrevistas individuais, gravadas ou escritas, em que os temas principais foram a história do professor como leitor midiático e a utilização de textos e suportes midiáticos em sala de aula. Ao todo, foram realizadas cerca de 20 entrevistas individuais, com professores de diversas disciplinas. O projeto estendeu-se durante dois anos letivos (2006 e 2007).

<sup>3</sup> Trata-se de questões abertas, feitas aos professores participantes das oficinas anteriormente mencionadas. Os dados foram tabulados por similaridade. As considerações a seguir atentam para os aspectos mais recorrentes ali observados.

<sup>4</sup> Referimo-nos à pesquisa 'Literatura na escola: espaços e contextos - A realidade brasileira e portuguesa', coordenada por Renata Junqueira de Souza, cujo objetivo é o mapeamento das práticas escolares de leitura, sobretudo ligadas ao texto literário. Em sua primeira etapa, desenvolvida em 2007, o projeto entrevistou cerca de mil professores, quatro mil alunos, 110 diretores e coordenadores, e mais de 100 responsáveis pelas bibliotecas escolares, ligados a escolas dos municípios de Assis, Marília e Presidente Prudente.

## **A experiência cotidiana com suportes e textos midiáticos**

Duas questões propostas aos docentes trataram de aspectos ligados à sua memória quanto aos suportes de informação midiáticos<sup>5</sup>. No que diz respeito à experiência dos professores com os meios de comunicação de massa, algumas constantes são as seguintes. A televisão e os telejornais são os principais meios de informação, para a grande maioria dos professores. O professor não necessariamente dedica um tempo específico para a televisão: a tevê aparece em momentos de passagem de uma atividade familiar para outra, ou de uma atividade externa para uma atividade em casa; a assistência é fragmentada, pois é compartilhada com outras ações; raramente, menciona-se a assistência a dois telejornais, de diferentes redes – existindo certa fidelidade do expectador quanto a um ou outro programa informativo. Programas e canais educativos também aparecem de maneira destacada: o professor tende a fazer referência a tais veículos e programas como forma de compensar ou de contrapor-se a uma suposta superficialidade dos telejornais.

A relação histórica com a televisão mostra-se de maneira subjetiva: os professores mais velhos apontam o surgimento da tevê em suas vidas como um episódio marcante. Muitos deles viveram, quando crianças, a primeira onda de popularização desse veículo no país<sup>6</sup>. Destacam, por exemplo, as reuniões sociais para assistência de um determinado programa na casa de alguém que possuía o aparelho, ou então o episódio em que a própria família adquiriu um aparelho de tevê. Alguns mencionam notícias específicas, marcantes na infância e na adolescência. Porém, o destaque recai sobre programas de entretenimento, como os do apresentador Sílvio Santos. Entre os professores mais jovens (com até 10 anos de magistério), a intolerância com a televisão é mais evidente. Este público cresceu num ambiente em que a tevê já era um instrumento comum e hoje, como os mais velhos, destacam características perniciosas do meio para a formação dos jovens. O acesso a outros meios de comunicação,

---

<sup>5</sup> A proposta nesse sentido foi: **1)** Descreva de forma sucinta como foi seu contato com meios de comunicação fora da escola. Fale um pouco sobre o papel da TV, do jornal impresso, do rádio, das pessoas à sua volta, nessa formação. As respostas foram tabuladas a partir do tempo de magistério, com as seguintes divisões: um a cinco anos de magistério; seis a 10 anos; 11 a 15 anos; 16 a 20 anos; 21 ou mais anos de trabalho docente.

<sup>6</sup> Algo que ocorre ao longo dos anos 1970, por incentivo dos governos militares.

possibilitado pela difusão de tecnologias em tempos recentes, também leva a outra crítica quanto à tevê: reclamam da mesmice e da superficialidade da programação.

Principalmente entre os mais velhos, mas ainda presente entre os professores mais jovens está o apego ao rádio. Este meio é predominante nos depoimentos dos professores com mais de 15 anos de atividade, como instrumento possível às famílias de menor renda, em décadas passadas. O rádio assume papel próximo ao da tevê para a informação e entretenimento. Os mais jovens também destacam o rádio como fonte importante de informação. Durante as oficinas, o rádio aparece menos nas respostas dos professores. Isso talvez tenha ocorrido porque o momento era de crítica ao perfil de cada um dos meios de comunicação. Assim, o rádio, por conta da fugacidade de informação e por ela referir-se ao entretenimento, ao cenário local (por destacar questões de ordem cotidiana pouco valorizada) ou ao cenário nacional, que outros meios conseguem apreender com mais detalhes, tende a mostrar-se, num primeiro momento, menos prestigiado do que outros meios, como a televisão e os jornais impressos.

Outro modo de informação bastante comum são os grupos sociais mais próximos. O contato com pessoas mais velhas, com amigos e com outros professores é uma referência recorrente de informação. Os encontros sistemáticos entre os professores, para reuniões de trabalho ou nos intervalos entre as aulas, são utilizados como momentos de troca de impressões. Essa troca acontece para a definição de assuntos midiáticos a serem tratados em sala de aula, mas, sobretudo, para o comentário acerca de eventos de grande visibilidade, no âmbito local e nacional. Não se percebe, no entanto, nenhuma sistematização nesse procedimento. Significa dizer que esse contato é irregular e não implica necessariamente o debate, mas apenas o acréscimo de informações. O professor expõe, mas não investe na persuasão do outro. Ficam mantidos os pontos de vista, em que pese o fato de haver, em alguns momentos, a definição de procedimentos comuns de atuação em sala de aula (no caso de projetos específicos ou então em termos de método de tratamento de determinada questão). Os temas escolhidos para esse contato são definidos pela própria mídia, em especial pelos programas de televisão. Não existe uma progressão, exceto a do conhecimento sobre o modo como pensa o outro, a fim de se observar se vale ou não a pena continuar a expor e a ouvir comentários de um terceiro. Em termos de opinião e em nome de um convívio supostamente harmônico parece ocorrer algo próximo da chamada ‘espiral do silêncio’ (NOELLE-NEUMANN, 1993).

Esse conceito, por seu turno, ajuda a descortinar o caráter opressivo da informação midiática. À medida que um assunto passa a ocupar espaço determinado nos meios de comunicação, o sujeito receptor aumenta seu nível de tolerância à versão que os meios imprimem sobre esse assunto. Em razão do abrangente e verticalizado circuito midiático, incluindo-se também os outros sujeitos receptores, um determinado leitor tende ao silêncio, quando contrário à abordagem apresentada. Assim, quanto mais afinado o ponto de vista dos meios, maior o silenciamento, pois maior será a pressão na direção da homogeneidade de pensamento. A idéia de espiral diz respeito à cadeia de difusão e de consolidação das grandes linhas da versão apresentada pela mídia: um telejornal mostra determinado episódio, sob determinado enfoque; em seguida, jornais impressos aprofundam a informação, que também é repercutida no rádio e nos veículos de comunicação regionais, alcançando reiteradamente os círculos de pessoas mais próximas do sujeito. Silenciar, por sua vez, não significa aceitar a opinião imposta, mas acatar a versão dominante, em razão do ‘medo do isolamento’. Nas oficinas e nos encontros com os professores, o debate, em geral, irá ocorrer sobre temas de interesse imediato e relativamente consensuais, como a indisciplina, materiais pedagógicos específicos e o papel da família na formação dos alunos, ou ainda sobre *fait divers*. Opiniões de ordem política tendem a ser anotadas de modo fugidio e superficial.

Os suportes impressos de informação são destacados por menos da metade dos professores. Por um lado, são raros os que tiveram experiência com jornais na infância e na adolescência. O acesso ao jornal deu-se pelo exemplo da família: o pai foi assinante de jornal ou revista, ou então havia algum estímulo para ler tais suportes, disponibilizados pela família ou por conhecidos. De maneira geral, o contato com o jornal aconteceu na rua, no trabalho ou na vida adulta, por força da vida social ou profissional. Uma das funções predominantes do jornal é, mais do que a leitura, a pesquisa: uma jovem professora afirma que o lê apenas quando precisa ‘de material para trabalhar em sala de aula’. Outra professora compra o jornal ‘uma vez por ano, para mostrar aos alunos como é’. Tais afirmações mostram a sacralização do jornal impresso de grande circulação, aspecto comum entre os professores. Para muitos, a falta de leitura de tal suporte é um motivo de constrangimento. O fator financeiro é preponderante como obstáculo para acesso aos jornais de maior prestígio. São diversos os professores que afirmam comprar ou jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* apenas aos domingos. Também é freqüente o compartilhamento desses jornais com outros

familiares. Predomina a leitura do jornal local. Mais barato, de mais fácil acesso e com assuntos locais tratados de maneira, em geral, pouco complexa, o jornal local tende a estar na maioria das escolas e a circular com muito maior dinamismo<sup>7</sup>.

As revistas apresentam perfil semelhante ao do jornal, no tocante à experiência do professor. Foram incorporadas ao cotidiano dos docentes em tempos mais recentes e seu papel é mais discreto em termos de preferência. A revista com finalidade pedagógica tem grande aceitação. Cerca de 30% das escolas dizem assinar publicações de cunho pedagógico, com destaque para *Nova Escola*, *Ciência Hoje*, *Escola*, entre outras. Com menor incidência, estão revistas como *Veja* e *Época* (SOUZA, 2007). Tais informações estão em sintonia com o perfil dos professores brasileiros: quando questionados acerca de suas leituras sistemáticas, 48% dos docentes afirmam ler revistas especializadas (ANDRADE et al., 2004). Mas a revista de informação é mais freqüentemente usada em sala de aula. Publicações voltadas à divulgação científica são acompanhadas de maneira mais sistemática e oferecem reportagens ou notas utilizadas de maneira integral. Nesse sentido, vale frisar que tais revistas entram para a sala de aula mais facilmente que outros suportes.

O vídeo também aparece de maneira discreta nos comentários dos professores. Embora tenham aceitação quase unânime, os documentários e filmes em vídeo não são recorrentes. Os problemas operacionais e as dificuldades para obter programas ligados aos conteúdos curriculares específicos, no tempo de sua efetivação em sala de aula, são obstáculos que transparecem nas falas dos docentes. Ainda que a resistência seja menor nos dias de hoje, vários mencionam o preconceito em relação a esse tipo de expediente: utilizar a televisão e o vídeo ainda é visto como um modo de driblar o ‘ensino de verdade’.

Finalmente, o acesso à internet é iniciante. Entre os professores mais jovens, o uso da rede *web* é mais comum, algo que se torna mais ocasional entre os professores mais velhos. Uma parcela significativa de professores, sobretudo entre aqueles que têm até 10 anos de magistério, deixou de se informar pelo jornal impresso – ou sequer teve experiência sistemática de uso do jornal impresso - passando diretamente ao convívio

---

<sup>7</sup> Na pesquisa sobre o perfil da leitura nas escolas da região Oeste de São Paulo, no universo de 900 professores, 53% deles afirmaram ler um jornal regional, outros 34% disseram ler jornais regionais e nacionais, e apenas 7% disseram ler apenas jornais de âmbito nacional (SOUZA, 2007).

com a informação pela internet. A leitura em boa parte se dá nas próprias dependências escolares, pois ali há disponibilidade de equipamento. A frequência de uso da internet é muito maior para fins não escolares e ela se dá, em geral, por força da experiência familiar, em razão do uso regular pelos filhos e por outros parentes. Na escola, o acesso ao computador se dá em projetos especiais ou em parceria com professores responsáveis por essa área.

### **A experiência de trabalho com os meios de comunicação<sup>8</sup>**

Diferentemente do contato havido fora da escola, o contato escolar com os suportes de informação midiáticos deu-se de maneira esporádica e o relato acerca deles é bem menos romantizado. Entre os mais jovens (até 10 anos de magistério), tais meios aparecem com alguma frequência na escola básica e no curso superior. Entre os professores mais experientes, as referências a esse tipo de trabalho são raras. O trabalho realizado na escola e na faculdade deu-se de maneira circunstancial, com a busca de informações sobre um ou outro tema, sob a forma de recorte de notícias ou de reportagens, ou ainda por imposição de um ou outro professor, que obrigava o aluno a ler matérias jornalísticas. Os documentários e filmes em vídeo também são uma característica um pouco mais recorrente.

Esse quadro reflete em boa parte o próprio percurso dos textos de imprensa na escola brasileira. Limitada quase sempre à disciplina de Português, a atividade com matérias publicadas em jornais<sup>9</sup> sempre se mostrou pontual e de caráter pretextual, em geral como auxílio para o ensino da gramática (MESERANI, 2002). O uso para fins de trabalho gramatical intensifica-se em décadas mais recentes, quando aumenta a resistência acadêmica à utilização da literatura como repositório de construções lingüísticas de prestígio e intensifica-se o uso de textos mais próximos do cotidiano (em processo que gradativamente deixa em segundo plano o próprio texto literário). Esse

---

<sup>8</sup> As questões relacionadas a este assunto foram: **2)** Como foi o contato com jornais, TV e outros meios, na escola e na faculdade?; **3)** Como você trabalha com os meios de comunicação, principalmente o jornal e a TV, na escola?; **4)** Se tivesse recursos e disponibilidade, como você faria o trabalho com os meios de comunicação?

<sup>9</sup> Suporte até hoje o mais facilmente escolarizável, por conta de sua disponibilidade maior e configuração física, e o mais recorrente na história da escola brasileira.

uso dos textos midiáticos liga-se a outro, verificado desde meados do século 20: a construção de jornais e revistas, impressos ou falados, por alunos das mais diversas séries (RBEP, 1944). Nos dois casos, tem-se o esvaziamento do suporte midiático original, bem como da relação histórica entre a informação e seu tempo. Nas últimas duas décadas, a presença de textos de imprensa nos livros didáticos se intensifica, por razões econômicas<sup>10</sup> e por conta do prestígio dos jornais – que passam a ser tomados como portadores da linguagem padrão culta. Mas ainda prevalecem atividades gramaticais, bem como os exercícios pontuais de leitura e compreensão, com pouca ou nenhuma atenção para a ligação entre os textos e os suportes e circuitos originais da informação midiática, bem como para outros veículos, como a televisão e o rádio, por exemplo (ZANCHETTA, 2005).

Quando indagados acerca de como trabalham com os meios de comunicação, sobretudo com o jornal e a televisão, dentro da sala de aula, os professores discriminam as seguintes atividades<sup>11</sup>:

. Entendimento de texto, observação de conteúdo e de gêneros textuais específicos.....	47
. Exploração de conteúdos de textos informativos.....	38
. Discussão de temas gerais, trazidos por professores ou alunos.....	33
. Produção de jornais e revistas.....	17
. Não realiza atividades relacionadas à mídia.....	08

Bastante próximas e, em geral, pretextuais, as duas atividades mais recorrentes têm como diferença o fato de que, na primeira, prevalece o reforço de conteúdos curriculares previamente estabelecidos. Inclui-se aí mostrar um filme ou documentário sobre determinado tema, explorar uma noção gramatical ou características de um gênero textual específico, como a propaganda ou o videoclipe. No segundo caso, haveria um novo conteúdo a ser explorado, como estímulo à curiosidade ou à leitura, ou ainda para

<sup>10</sup> O custo operacional para a publicação de uma matéria jornalística é menor do que aquele implicado na publicação de um texto literário.

<sup>11</sup> A questão proposta foi: ‘como você trabalha com meios de comunicação, principalmente com o jornal e a televisão, na escola?’ As respostas foram abertas e a tabulação procurou sintetizá-las e aproximá-las por similaridade. Há possibilidade de múltiplas respostas por professor.



se buscar um aspecto potencialmente ajustável à ordem curricular ou à formação geral. Por ‘discussão de temas gerais...’, compreendem-se as oportunidades em que acontecimentos do mundo social ganham terreno dentro da sala de aula, observados por professores ou alunos, para buscar situar os agentes em relação às tais questões, sob um ou outro ponto de vista. A ‘produção de jornais e de outros suportes’ implica a construção de textos, de jornais impressos, de jornais falados e de outros suportes, utilizando-se de regras dos meios de comunicação. São poucos os que dizem não trabalhar com os meios em sala de aula, por motivos como a falta de recursos, de segurança, de formação específica para tanto ou por se considerar que esse tipo de atividade não faz parte das atribuições da escola. No entanto, essas explicações também aparecem em diversas outras respostas, como fatores limitantes dos trabalhos desenvolvidos.

Não foram incluídas no quadro, as respostas menos recorrentes, como a menção à elaboração de trabalhos escritos a partir da leitura de mensagens midiáticas (a produção de resumos e fichamentos) e à comparação entre informações de diferentes meios ou entre as características de um e outro meio de comunicação. Aliás, a distribuição feita no quadro acima não pode ser vista de modo definitivo, pois as alternativas de trabalho são diversas e poderiam ser rearranjadas de diferentes maneiras.

Em seguida à questão sobre como é feito o trabalho em sala de aula, os professores foram indagados sobre como lidariam com os meios de comunicação se dispusessem de mais recursos para essas atividades<sup>12</sup>. As respostas também são de difícil sistematização, mas as ações mais recorrentes são as seguintes:

. Acesso a conteúdos específicos, curriculares ou não.....	58
. Produção de suportes.....	24
. Contato com novos suportes ou instrumentos tecnológicos.....	23
. Diversificação de conteúdos para análise política, conteudística, textual e de gênero.	16
. Não mudaria nada .....	09
. Exercício de comparação entre suportes e mensagens.....	05

<sup>12</sup> A questão específica foi a seguinte: ‘Se tivesse recursos e disponibilidade, como você faria o trabalho com a mídia?’

Como principal benefício advindo de maior volume de recursos e possibilidade de trabalho, os professores destacam a ampliação do universo de informações para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, indo além dos livros didáticos e materiais isolados. Os docentes frisam ainda que poderiam ter acesso a outros instrumentos e veículos de informação (como internet e *datashow*, por exemplo), bem como poderiam produzir jornais, revistas e vídeos com os trabalhos dos alunos. Um grupo menor fala em ‘diversificação de conteúdos’. Na verdade, trata-se de uma alternativa que poderia estar inserida na resposta mais freqüente, no entanto, está destacada, pois se refere a trabalhos mais ligados à exploração do universo midiático e não de noções pedagógicas. Alguns professores não fariam alteração alguma em seus procedimentos, porque não vêem sentido nessas atividades ou porque consideram o recurso hoje disponível suficiente para o trabalho. Um grupo ainda menor afirma que mais recursos potencializariam o exercício da comparação entre suportes de informação. Pela baixa incidência, algumas respostas não foram incluídas no quadro acima, como a visita a redações de jornal e de televisão, o maior subsídio a projetos interdisciplinares e a conscientização dos alunos sobre a importância dos meios de comunicação.

Os quadros são questionáveis sob diversos aspectos. É, por exemplo, precária a organização dos dados, em razão do caráter difuso das respostas oferecidas pelos professores - algo que faz com que haja grande mobilidade nos critérios de aproximação entre as considerações feitas. As respostas também podem não refletir com maior rigor o pensamento e as práticas dos professores, pois é sabido que, de maneira geral, os docentes não são estimulados a escrever com regularidade (o que torna suas respostas escritas lacônicas e, em muitos casos, vagas). No entanto, a exteriorização dessas possibilidades de trabalho é suficiente para se ter idéia dos procedimentos mais comuns e desejados pelos docentes. As considerações acima, enfim, aparecem ainda nos depoimentos escritos, nas entrevistas orais e no acompanhamento das reuniões regulares para o trabalho pedagógico, garantindo assim alguma representatividade.

### **Consideração final**

Os dados apresentados anteriormente demandam análise que extrapola os limites possíveis a este texto. Os dados postos, entretanto, reforçam impressões já consolidadas, que sugerem a existência de dois territórios distintos: o escolar e o midiático (SOARES,

2006; JACQUINOT, 1996). Sua contribuição talvez esteja em fazer ver algumas características que devem ser observadas nas propostas relacionadas à aproximação entre esses dois universos.

Os conteúdos midiáticos servem ao currículo regular, como pretexto, ilustração, exemplificação, estímulo à curiosidade do aluno para o trabalho convencional. Por outro lado, há pouca atenção aos meios de comunicação enquanto produtores e veículos de informação, como também às características da recepção dessas informações. O exercício escolar recai sobre características textuais de gêneros específicos ou então sobre dados que podem servir a essa ou aquela noção conteudística formal. Finalmente, os professores estão sensibilizados quanto aos meios e mensagens midiáticas, porém, suas experiências pessoais com os meios e suas práticas pedagógicas seguem caminhos distintos. A experiência pessoal é fluida, não escolarizada, afirmativa (e pouco indagativa). Suas práticas pedagógicas são de ordem técnica e circunstancial, sob a forma do tratamento estrutural, da compreensão de questões e informações específicas, do relato, do comentário, do juízo de valor. O professor, mesmo por falta de recursos, chega a prescindir do veículo original da informação para abordá-la.

Estudos comunicacionais contemporâneos insistem na idéia de que a ‘formação para a mídia’ ou ‘literacia midiática’ implica a mudança no estatuto do professor:

o seu controle [do professor] poderá limitar-se ao acompanhamento do aluno, não um acompanhamento eufemístico ou metafórico como ‘os acompanhantes dos alunos no caminho do saber’, mas de um acompanhamento em sentido próprio, isto é, estar ao lado do aluno para sustentar seus esforços pessoais e ajudá-lo a transportar a mochila. Para os mais pessimistas, o professor será o acompanhante dos alunos no supermercado do conhecimento. (BUSATO, 1999, p.74)

Embora leitores midiáticos experientes, com maior ou menor bagagem de leitura dependendo do suporte de informação que se tome como referência, diferentemente do que aconteceu com outros campos do saber, como o da literatura (BATISTA, 1998), os professores não passaram pelo exercício de escolarização do conhecimento midiático. Por conta disso, parece plausível que a proposição de alternativas para o estudo da mídia na escola, antes de redefinir, de antemão, os papéis dos agentes escolares, deva situar-se a partir das práticas pedagógicas historicamente constituídas, nem sempre para

reforçá-las, mas para ampliar sua complexidade em direção a uma percepção mais abrangente dos papéis dos suportes de informação e das características da recepção.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, E.R. et al. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* Pesquisa nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

BATISTA, A. A. G. Os professores são “não-leitores”? In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

BUSATO, Luiz R. O binômio comunicação e educação: coexistência e competição. *Cadernos de Pesquisa*, n. 106, mar. 1999.

JACQUINOT, G. Audiovisuel et pédagogie: des pratiques en question. In: JACQUINOT, G.; LEBLANC, G. *Les genres télévisuels dans l'enseignement*. Paris: Centre National de Documentation Pédagogique / Hachette Livre, 1996.

MESERANI, S. *O intertexto escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

NOELLE-NEUMANN, E. *The spiral of silence: public opinion - our social skin*. Chicago: University of Chicago, 1993.

RBEP. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n.5, nov. 1944.

SOARES, I.O. Alfabetização e Comunicação: o papel dos meios de comunicação na formação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em [www.usp.br/nce](http://www.usp.br/nce). Acesso em 1º de fevereiro de 2006.

SOUZA, R.J. (coord.). *Literatura na escola: espaços e contextos: a realidade brasileira e portuguesa*. Relatório da Fase 1: diagnóstico da leitura nas escolas públicas municipais e estaduais da região Oeste de São Paulo. Projeto de Políticas Públicas para a Educação (FAPESP). Presidente Prudente, 2007, mimeo.

ZANCHETTA Jr., J. Desafios para a abordagem da imprensa na escola. *Revista Educação & Sociedade*, v. 26, n. 93, set./dez. 2005.